

**PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO FALADO:
CONFRONTO ENTRE NORMA E USO****PERSONAL PRONOUNS IN FORMAL SPOKEN BRAZILIAN PORTUGUESE:
CONFRONTING NORM AND USE**

Juliano Desiderato Antonio¹
Dayane Endo Lopes²
Maria Rita da Costa Francisco³

RESUMO: Uma certa tensão entre a norma e os usos linguísticos é evidente na classe dos pronomes pessoais. As gramáticas escolares e os livros didáticos geralmente apresentam uma classificação dos pronomes pessoais e das flexões verbais que os acompanham que há muito caíram em desuso no vernáculo. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é realizar um estudo contrastivo entre a norma e o uso dos pronomes pessoais. O estudo contrastivo se dará a partir do exame dos tratamentos dados aos pronomes pessoais em seis gramáticas de perspectivas distintas: duas gramáticas escolares, duas gramáticas tradicionais clássicas e duas gramáticas de orientação funcionalista produzidas por linguistas. O uso dos pronomes por falantes cultos é investigado a partir de uma perspectiva funcionalista, em um corpus formado por dez entrevistas com pesquisadores e oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular. Duas diferenças principais foram observadas no confronto entre a norma prescrita pelas gramáticas e o uso dos pronomes pessoais em situações reais de fala. A primeira diz respeito à utilização das formas *você* e *vocês* como pronomes de segunda pessoa do discurso pelos informantes do corpus. Essas formas não fazem parte do quadro de pronomes apresentado pelas gramáticas escolares e pelas gramáticas tradicionais. A segunda diferença diz respeito ao uso dos pronomes do chamado “caso reto” exercendo função sintática de complemento direto. Encontraram-se ocorrências como “eu vou concluir *ele*” e “eu levei *ele* para o laboratório”, uso considerado incorreto pelas gramáticas escolares e pelas gramáticas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes pessoais. Norma. Uso.

ABSTRACT: A certain tension between norm and linguistic use is evident in the class of personal pronouns. In general, school grammars and textbooks present a classification of the personal pronouns and verb inflections that accompany them, which have long since fallen out of favor in the vernacular. Thus, the main goal of this work is to carry out a contrastive study between the norm and the use of personal pronouns. The contrastive study will be based on the examination of the treatments given to personal pronouns in six grammars from different perspectives: two school grammars, two classical traditional grammars and two grammars with a functionalist orientation produced by linguists. The use of pronouns by educated speakers is investigated in a corpus formed by ten interviews with researchers and eight college lectures and preparatory courses for university entrance examinations. Two main differences were observed in the confrontation between the norm prescribed by grammars and the use of personal pronouns in real speech situations. The first concerns the use of the forms “*você*” and “*vocês*” as second person pronouns of speech by the informants of the corpus. These forms are not part of the pronouns framework presented by school grammars and traditional grammars. The second difference concerns the use of the pronouns of the so-called “pronomes do caso reto” functioning as direct complements. Occurrences such as “Eu vou concluir *ele*” and “Eu levei *ele* para o laboratório” were found, a use considered incorrect by school grammars and traditional grammars.

KEYWORDS: Personal pronouns. Norm. Use.

¹ Professor associado do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: jdantonio@uem.br. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-9816-5852>>.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Programa de Iniciação Científica (PIC-UEM). E-mail: daylopes18@gmail.com. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-8015-0177>>.

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Programa de Iniciação Científica (PIC-UEM). E-mail: ritadacost@hotmail.com. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-0065-2506>>.

1 Considerações iniciais

O espaço escolar e os instrumentos utilizados como suporte para o ensino de língua materna acentuam a tensão entre a norma e os usos linguísticos. É natural que nas comunidades linguísticas se busque uma padronização que, de certa forma, crie uma determinada homogeneidade em detrimento da heterogeneidade que naturalmente existe em qualquer língua (NEVES, 2010). No entanto, é necessário observar que, em grande número de casos, a mudança linguística é totalmente ignorada pela norma considerada padrão, e, conseqüentemente, cria-se um distanciamento abismal entre a norma e o uso. E os instrumentos de ensino, ao reproduzirem padrões que não são utilizados pelos falantes, passam uma visão idealizada de um sistema linguístico que não faz parte da realidade dos falantes.

Um campo em que essa tensão entre a norma e o uso é evidente é o dos pronomes pessoais. Em geral, as gramáticas escolares e os livros didáticos apresentam uma classificação dos pronomes pessoais e das flexões verbais que os acompanham que há muito caíram em desuso no vernáculo. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal realizar um estudo contrastivo entre a norma e o uso dos pronomes pessoais. Para que esse objetivo mais amplo seja alcançado, os objetivos específicos a seguir também são objeto de investigação deste trabalho: a) verificar as formas utilizadas pelos informantes em cada pessoa do discurso; b) verificar as funções sintáticas exercidas por tais formas pronominais.

O estudo contrastivo se dará a partir do exame dos tratamentos dados aos pronomes pessoais em seis gramáticas de perspectivas distintas: duas gramáticas escolares (CEGALLA, 2008; CIPRO NETO e INFANTE, 2008); duas gramáticas tradicionais clássicas (BECHARA, 2002; CUNHA e CINTRA, 1983); duas gramáticas de linguistas de orientação funcionalista (CASTILHO, 2010; NEVES, 2000). O uso dos pronomes por falantes cultos é investigado em um corpus formado por dez entrevistas orais com pesquisadores e oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular.

Como o termo norma apresenta mais de um conceito, é importante esclarecer que, neste trabalho, quando se propõe o confronto entre a norma e o uso, o conceito de “norma” adotado tem sentido restrito, de normatividade, de norma padrão (NEVES, 2003). Também se faz necessário mencionar que a análise dos resultados da pesquisa segue orientação funcionalista. Embora haja um grande número de modelos que constituem o paradigma funcionalista nos estudos linguísticos, todos esses modelos têm em comum o fato de considerarem essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; VAN VALIN, 2002). É importante ressaltar que, quando se diz que o funcionalismo considera que a língua tem função primordialmente comunicativa, o conceito de comunicação não se restringe à codificação e à transmissão de informação, mas compreende todos os fatores envolvidos no evento de fala.

Em termos de organização, este trabalho está dividido em mais quatro seções além desta introdução. Na seção *O tratamento gramatical*, apresentam-se as abordagens que os pronomes pessoais recebem em gramáticas de diferentes perspectivas. O corpus de análise e os procedimentos para tabulação dos dados por meio do software *Systemic Coder* são explicitados na seção *Metodologia*. Os dados obtidos são analisados na seção *Resultados e discussão*. Por fim, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

2 O tratamento gramatical

2.1 Gramáticas escolares

Nesta subseção, apresenta-se o tratamento dado aos pronomes pessoais em dois livros de gramática muito utilizados e muito conhecidos por professores e alunos no ensino da disciplina escolar gramática. Esses livros têm um lado descritivo, pois explicitam um esquema de organização da língua, dizendo como a língua é e apresentando definições de classes de palavras. No entanto, esses livros também têm um outro lado, normativo, em que se utiliza linguagem injuntiva para definir o padrão que deve ser utilizado em contraste com as expressões linguísticas que não podem ser empregadas.

Para Cegalla (2008, p. 180), os pronomes pessoais são “palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso”. No tocante aos objetivos deste trabalho, o autor define os pronomes pessoais do caso reto como aqueles que funcionam como sujeito da oração, e os do caso oblíquo como aqueles que funcionam como objetos ou complementos.

O autor apresenta, então, o quadro dos pronomes pessoais dos dois casos:

Quadro 1: Pronomes pessoais

Pessoas do discurso	Pronomes retos	Pronomes oblíquos
	Função subjetiva	Função objetiva
1ª pessoa do singular	eu	Me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	Te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	Ele, ela	Se, si, consigo, lhe, o a
1ª pessoa do plural	nós	Nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	Vos, conosco
2ª pessoa do plural	Eles, elas	Se, si, consigo, lhes, os, as

Fonte: Cegalla (2008, p. 180)

Na sequência, o gramático classifica os pronomes oblíquos monossilábicos em tônicos (*mim, ti, si*) e átonos (*me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos*) e expõe duas regras de uso desses pronomes: 1) quando associados a verbos terminados em *-r, -s, ou -z*, e à palavra *-eis*, os pronomes *o, a, os, as* assumem as formas antigas *lo, la, los, las*, com a queda das consoantes finais dos verbos. Os exemplos apresentados pelo autor são “prendê-lo”, “ajudemo-la”, “fê-los”, “ei-lo” (CEGALLA, 2008, p. 181); 2) quando associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes *-o, -a, -os, -as* tomam as formas *-no, -na, -nos, -nas*. Os exemplos apresentados pelo autor são “trazem-no”, “ajudavam-na”, “dão-nos” e “põe-no” (CEGALLA, 2008, p. 181). Ao apresentar essas regras, o livro de gramática em tela determina o modelo que deve ser seguido no que diz respeito ao emprego dos pronomes pessoais em função de complemento.

Cipri Neto e Infante (2008) conceituam os pronomes mobilizando mais noções teóricas do que Cegalla (2008). Os autores utilizam o critério semântico ao afirmarem que “pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles” (p. 279); utilizam a teoria da enunciação ao afirmarem que o enunciador se representa no discurso pelo “pronome pessoal *eu*, que pressupõe um *tu* (ou *você, senhor/senhora*), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa” (p. 279).

Em relação aos objetivos deste trabalho, os autores conceituam os pronomes pessoais

como aqueles que “indicam diretamente as pessoas do discurso” (p. 280) e informam que os pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo se diferenciam a partir de suas funções sintáticas: os do caso reto exercem função de sujeito ou de predicativo do sujeito, e os do caso oblíquo exercem função de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal.

Após apresentarem um quadro com os pronomes do caso reto, os autores fazem observações que dizem respeito a normas de uso desses pronomes. De acordo com esses gramáticos, os pronomes do caso reto não podem ser utilizados como complementos verbais na “língua culta, formal (falada ou escrita)”. Os enunciados “Eu vi *ele* na rua”, “Encontrei *ele* na praça”, “Trouxeram *eu* até aqui” são apresentados como não aceitos pelo “padrão formal da língua”, embora comuns na “língua oral cotidiana”.

Quadro 2: Pronomes oblíquos

	singular	plural
Primeira pessoa	me	nos
Segunda pessoa	te	vos
Terceira pessoa	O, a, se, lhe	Os, as, se, lhes

Fonte: Cipro Neto e Infante (2008, p. 281)

Na sequência, os autores apresentam cinco regras de uso dos pronomes oblíquos e, a partir delas, fazem algumas observações a) de cunho normativo, como em “No padrão culto formal, não ocorre ‘Eu *lhe* amo’” (p. 281); b) de cunho variacionista (no que diz respeito às variedades europeia e brasileira do português e também no tocante ao uso literário), como em “No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias (“Não *te* esqueci, eu *to* juro”)...” (p. 281).

Ao tratarem dos oblíquos tônicos, os autores apresentam alguns exemplos da “forma culta” de utilizá-los: “Não existe nada entre *mim* e *ti*”, “Não foi comprovada nenhuma ligação entre *ti* e *ela*”, “Não há nenhuma acusação contra *mim*”, “Não saia sem *mim*”.

Cipro Neto e Infante (2008) fazem mais algumas observações normativas ao tratarem do que eles chamam “segunda pessoa indireta”. De acordo com esses gramáticos, no padrão formal culto não pode ocorrer “a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana”. Os autores apresentam, então, um exemplo que não deve ocorrer no que eles chamam “padrão formal” (“Se *você* precisar, vou *te* ajudar”) e as versões consideradas “corretas” desse exemplo: “Se *você* precisar, vou ajudá-*lo* (ou ajudar *você*)” ou “Se (*tu*) precisares, vou *te* ajudar” (p. 283).

Por meio da análise das duas gramáticas escolares, observou-se que esses livros trazem, inicialmente, uma definição da classe dos pronomes e um esquema de classificação da referida classe. Na sequência, apresentam exemplos que constituem o modelo “correto” a ser seguido e, por meio de linguagem injuntiva, expõem usos considerados errados e, que, portanto, não podem ser empregados.

2.2 Gramáticas tradicionais clássicas

Nesta subseção, apresenta-se o tratamento dado aos pronomes pessoais em dois livros de gramática cujos autores contam com amplo reconhecimento por suas contribuições. Evanildo Bechara, por exemplo, é membro tanto da Academia Brasileira de Filologia quanto

da Academia Brasileira de Letras. Assim como Evanildo Bechara, Celso Cunha também era filólogo e gramático, e foi membro da Academia Brasileira de Letras. A obra de Cunha analisada neste trabalho tem como coautor o filólogo português Lindley Cintra mas foi publicada no Brasil, motivo pelo qual não se considera que o livro seja um exemplar da variedade europeia do português.

Bechara (2002) apresenta a classe dos pronomes como indicadora das pessoas do discurso. Partindo do conceito de dêixis, o autor caracteriza os pronomes pessoais como aqueles que “designam as duas pessoas do discurso (*eu* e *tu*) e a não-pessoa (*não-eu* e *não-tu*), considerada, pela tradição a 3ª. pessoa” (p. 164).

As formas retas exercem função de sujeito e, a cada uma das formas retas, corresponde uma forma oblíqua que funciona como complemento, que pode ser em forma átona ou em forma tônica. As do último tipo são sempre introduzidas por preposição. A organização dos pronomes pessoais é apresentada por Bechara no quadro a seguir.

Quadro 3: Pronomes pessoais

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/ prep.)
Singular	1ª pessoa: <i>eu</i>	<i>me</i>	<i>mim</i>
	2ª pessoa: <i>tu</i>	<i>te</i>	<i>ti</i>
	3ª pessoa: <i>ele, ela</i>	<i>Lhe, o, a, se</i>	<i>Ele, ela, si</i>
Plural	1ª pessoa: <i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>Nós</i>
	2ª pessoa: <i>vós</i>	<i>vos</i>	<i>vós</i>
	3ª pessoa: <i>eles, elas</i>	<i>Lhes, os, as, se</i>	<i>Eles, elas, si</i>

Fonte: Bechara (2002, p. 164)

Após o quadro, o autor apresenta exemplos de emprego dos pronomes oblíquos átonos e dos oblíquos tônicos, como em “Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar nossa preguiça” (BECHARA, 2001, p. 164) e “As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*” (BECHARA, 2001, p. 165).

As formas *você* e *vocês* são tratadas por Bechara (2002) como formas de tratamento e levam o verbo para a terceira pessoa. Em nota, o autor afirma que a forma *você* é usada familiarmente no português atual e que a forma *vocês* é utilizada como plural de *tu*, já que o pronome *vós* caiu em desuso. Também em nota, o autor afirma que a forma *a gente*, formada pelo substantivo *gente* precedido do artigo *a*, é utilizado como pronome “fora da linguagem cerimoniosa” e leva o verbo para a terceira pessoa do singular.

Cunha e Cintra (1985) caracterizam os pronomes pessoais a partir de três critérios: 1) denotam as pessoas gramaticais; 2) representam, na terceira pessoa, forma nominal anteriormente expressa; 3) variam de forma de acordo com a função que desempenham na oração e de acordo com a acentuação que nela recebem. Essa caracterização tripartite é ilustrada pelos autores por meio do quadro a seguir.

Quadro 4: Pronomes pessoais

	PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
		ÁTONOS	TÔNICOS

Singular	1ª pessoa	eu	me	Mim, COMIGO
	2ª pessoa	tu	te	Ti, CONTIGO
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, LHE	Ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	Nós, CONOSCO
	2ª pessoa	vós	vos	Vós, CONVOSCO
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, LHES	Eles, elas

Fonte: Cunha e Cintra (1985, p. 270)

No que diz respeito à função, os autores afirmam que as formas do pronome pessoal podem ser retas (quando funcionam como sujeito da oração) ou oblíquas (quando são utilizadas como objeto direto ou indireto). Em relação à acentuação, as formas dos pronomes pessoais podem ser tônicas ou átonas. A forma *você* é mencionada na seção de pronomes de tratamento. Os autores observam que a forma *tu* é utilizada em Portugal, mas que essa forma, no Brasil, é utilizada apenas no extremo Sul do País e em alguns pontos da região Norte. Em substituição ao *tu*, os brasileiros utilizam a forma *você*, como forma de intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. Também na seção de pronomes de tratamento os autores fazem menção à forma *a gente*, que, segundo eles, pode ser empregada em lugar de *nós*, desde que o verbo fique na terceira pessoa do singular.

Os autores apresentam as funções sintáticas nas quais os pronomes de cada tipo podem ser empregados. Os pronomes retos podem funcionar como sujeito, como predicativo do sujeito ou como vocativo (*tu* e *vós*). Já os pronomes oblíquos tônicos podem funcionar como complemento nominal, como objeto indireto, como objeto direto, como agente da passiva e como adjunto adverbial. As formas átonas, por sua vez, podem funcionar como objeto direto, como objeto indireto, como sujeito de um infinitivo ou com valor possessivo.

Na seção dos pronomes retos, há uma subseção intitulada “equivocos e incorreções”, na qual os autores fazem observações de cunho textual e também de cunho normativo. No primeiro caso, aconselham o leitor a evitar ambiguidades e utilizam como exemplo a frase “Álvaro disse a Paulo que *ele* chegaria primeiro” (p. 280), em que o pronome *ele* pode se referir tanto a Álvaro quanto a Paulo. No segundo caso, afirmam que o leitor deve evitar o uso de pronomes como *ele(s)* e *ela(s)* como objeto direto em frases como “Vi *ele*” e “Encontrei *ela*” (p. 281). De acordo com Cunha e Cintra, esse uso é muito comum “na fala vulgar e familiar do Brasil” (p. 281) e tem raízes antigas no português, estando documentada em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV.

Em resumo, a gramática de Bechara (2002) conceitua os pronomes pessoais a partir da teoria da enunciação de Benveniste, e reconhece o emprego de formas como *você(s)* e “*a gente*” no vernáculo, recomendando o uso do verbo na terceira pessoa com essas formas (singular, no caso de *você* e de *a gente*). Por sua vez, Cunha e Cintra tratam da foricidade dos pronomes pessoais e, como é característica de sua gramática, organizam a descrição dos pronomes pessoais a partir da função sintática. Os autores reconhecem o emprego das formas *você*, *você(s)* e *a gente* em situações informais desde que o verbo seja utilizado na terceira pessoa (singular, no caso de *você* e de *a gente*). Cunha e Cintra afirmam que o uso de formas retas deve ser evitado na função de complemento, mas informam o leitor que essas formas estão documentadas no português dos séculos XIII e XIV.

2.3 Gramáticas de linguistas

Nesta subseção, apresenta-se o tratamento dado aos pronomes pessoais em duas gramáticas de orientação funcionalista cujos autores são renomados linguistas brasileiros. A obra de Neves (2000) é a primeira gramática de usos publicada no Brasil, ou seja, é uma gramática que “mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil” (NEVES, 2000, p. 13). Por sua vez, Castilho (2010), em sua obra, procura “olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro” (p. 31). No que diz respeito ao modelo de língua a ser investigado, Castilho (2010) afirma que “... as regularidades que as gramáticas identificam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia”. (p. 32).

Neves (2000) define os pronomes pessoais a partir da perspectiva do discurso, ou seja, admite que essa classe possui uma natureza fórica e exofórica. Os pronomes de natureza fórica podem ser anafóricos ou catafóricos. Estes referenciam algo ou alguém novo no texto, enquanto aqueles retomam uma pessoa ou uma coisa que já foi dita anteriormente. Além do mais, a autora os divide de acordo com a função que exercem. Na função interacional, representam os papéis do discurso na sentença, e, na função textual, garantem a continuidade do texto ao remeterem a elementos do próprio texto.

Assim, a autora propõe um quadro pronominal dividido em três partes:

a) Formas tônicas que podem ocorrer como sujeitos de verbos em formas finitas

Quadro 5: Pronomes pessoais que ocorrem como sujeitos de verbos

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	eu	nós
2ª pessoa	Tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	Ele, ela	Eles, elas

Fonte: Neves (2000, p. 450)

b) Formas átonas

Quadro 6: Pronomes pessoais de forma átona

	SINGULAR	PLURAL		
1ª pessoa	me	nos		
2ª pessoa	te	vos		
3ª pessoa	O, a, lhe	se	Os, as, lhes	se

Fonte: Neves (2000, p. 451)

c) Formas tônicas

Quadro 7: Pronomes pessoais de forma tônica

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Mim, comigo	Mim, comigo
2ª pessoa	Ti, contigo	Ti, contigo

3ª pessoa	Si, consigo	Si, consigo
-----------	-------------	-------------

Fonte: Neves (2000, p. 451)

Para a autora, as formas oblíquas átonas são restritas a funções completivas. Contudo, há algumas situações que não seguem essa regra, como o caso de orações infinitivas em que o sujeito exerce o papel de objeto direto do verbo e o pronome átono assume a função de clítico. Alguns dos exemplos dados pela autora são "Deixe-me falar-lhe de minha felicidade" e "Faça-o subir, tenha bondade." (NEVES, 2000, p. 453).

A autora também inclui em sua descrição os usos dos pronome na língua falada. Como exemplo, ela apresenta o emprego dos pronomes tônicos como sujeito do infinitivo em "Manda *ele* fugir daqui!" e as formas tônicas *ele*, *nós* e *vós* exercendo a função de complemento não preposicionado em "Benê levou *ele*. Levou quase à força" (p. 457).

Castilho (2010) coloca lado a lado os quadros dos pronomes pessoais do português brasileiro (PB) formal e do PB informal.

Quadro 8: Pronomes pessoais do PB formal e do PB informal

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>eu</i>	<i>Me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>Tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>Você/ ocê/ tu</i>	<i>Você/ ocê/ cê, te, ti, Prep + você/ ocê (=docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>Ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>Ele/ ei, ela</i>	<i>Ele, ela, le, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>Nos, conosco</i>	<i>A gente</i>	<i>A gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>Vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>Vos, convosco, prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>Vocês/ ocês, cês</i>	<i>Vocês/ ocês/ cês, Prep + vocês/ ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>Eles, elas</i>	<i>os/as, lhes se, si, consigo</i>	<i>Eles/ eis, elas</i>	<i>Eles/ eis, elas, Prep + eles/ eis, elas</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 477)

O linguista apresenta novos processos de organização, como a alteração, a criação, a substituição e a perda de elementos, para delimitar o que é considerado pronome pessoal no português brasileiro.

O autor, assim como Neves (2000), informa que os pronomes *o* e *a* estão perdendo espaço para os pronomes *ele* e *ela*, como é possível observar em "Ainda não vi *ele* hoje". É por isso que, em seu quadro do PB informal, *o* e *a* são substituídos pela mesma forma do sujeito.

Por fim, Castilho (2010) compara a ocorrência dos clíticos (*me, te, se, o, lhe*) no português europeu com a ocorrência no português brasileiro. De acordo com o autor, nessa variedade, os clíticos ocorrem predominantemente antes do verbo, ao contrário do que acontece em Portugal e, por consequência, em desacordo com muitas gramáticas normativas, segundo as quais os clíticos devem vir pospostos ao verbo. Sendo assim, no PB informal, a ênclise na sentença "Maria está *me* encontrando" se torna uma próclise em início de sentença

"Me está encontrando a Maria" (p. 484).

Em resumo, observa-se, em gramáticas como a de Neves (2000) e a de Castilho (2010), ambas de orientação funcionalista, a preocupação em demonstrar o funcionamento da língua em uso. Castilho (2010), no capítulo que guia este trabalho, expõe as mudanças linguísticas e sociais sofridas pelos pronomes ao longo da história. O gramático vai além ao estabelecer como pronome até mesmo as ocorrências da fala do PB, como “ocê”, “ei” e “cês” (p. 477). Neves (2000), por sua vez, inclui a forma “você” e sua flexão e o sintagma nominal “a gente” (p. 450).

3 Metodologia

3.1 Do córpus

O córpus da pesquisa é formado por dez entrevistas orais com pesquisadores e por oito aulas de curso superior e de curso preparatório pré-vestibular. Tanto as entrevistas quanto as aulas pertencem ao banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Os informantes das entrevistas e das aulas não são os mesmos.

Os informantes das entrevistas são professores de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, o entrevistador elaborou perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes com o conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

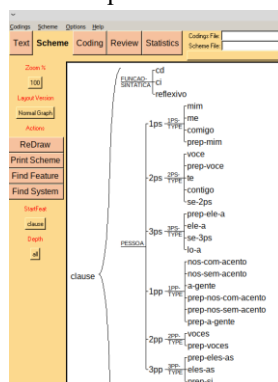
No que diz respeito às aulas, os informantes são professores de ensino superior ou de curso pré-vestibular e nasceram em Maringá ou residem nessa cidade há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas, motivo pelo qual se espera um certo grau de formalidade nos textos no que diz respeito ao uso do português considerado “culto”.

A transcrição foi feita alfabeticamente, seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11-12) com algumas adaptações e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, Chafe propõe três critérios: entonação (a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração), pausa (a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa), sintaxe (há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples).

3.2 Da tabulação dos dados

As ocorrências encontradas no córpus foram salvas em um arquivo formato txt e importadas no programa *Systemic Coder* (O'DONNELL, 1995), ferramenta que facilita a codificação de dados linguísticos. Após a importação e a segmentação (cada ocorrência correspondia a uma unidade a ser codificada), criou-se um esquema de codificação com os parâmetros de análise, como se pode observar na figura a seguir.

Figura 1: Esquema de codificação



Fonte: captura de tela do programa *Systemic Coder*

Na sequência, o programa apresenta as ocorrências (uma por vez) e os parâmetros de análise, conforme ilustrado na próxima figura. A seleção dos traços de cada ocorrência é feita pelo analista. Cada escolha do analista é registrada pelo programa que, ao final, apresenta os resultados.

Figura 2: Tabulação das ocorrências



Fonte: captura de tela do programa *Systemic Coder*

4 Resultados e discussão

Nesta seção do trabalho, os resultados obtidos a partir da tabulação dos dados do corpúsculo são contrastados com o que as gramáticas escolares (seção 2.1) e com o que as gramáticas tradicionais clássicas (seção 2.2) apresentam como norma e analisados na perspectiva das gramáticas de orientação funcionalista (seção 2.3).

Nas tabelas 1 e 2, apresentam-se resultados gerais dos dados obtidos a partir da tabulação das ocorrências dos pronomes pessoais no corpúsculo. Da tabela 3 em diante, focalizam-se os objetos de análise deste trabalho, ou seja, as formas pronominais de 2ª pessoa utilizadas pelos informantes e as formas pronominais de 3ª pessoa utilizadas como complemento direto.

Na tabela 1, observam-se as frequências de ocorrência das funções sintáticas exercidas pelos pronomes.

Tabela 1: Funções sintáticas

	N	%
CD	16	10,9
CI	117	79,6
Reflexivo	14	9,5
Total	147	100

Fonte: os autores

A função reflexiva aparece como a menos frequente no objeto de análise: há 14 casos, de um total de 147, que representam 9,5% dos pronomes observados. A ocorrência do complemento direto é computada 16 vezes, que corresponde a 10,9%. Por sua vez, o complemento indireto demonstra ser o mais frequente, com 117 ocorrências.

A seguir, são exemplificados os papéis que os pronomes exercem como complementos das orações. Primeiramente, apresenta-se o complemento direto (objeto direto). A ocorrência exemplificada em (1) refere-se a essa função, visto que, após o verbo transitivo direto *deixar*, há a presença do pronome reto da terceira pessoa do plural *eles*, que assume a função de complemento. O uso do pronome reto *eles* no lugar de *los* é considerada errado pelas gramáticas escolares e pelas gramáticas tradicionais.

(1) Eu vou deixar *eles* lá que vocês dificilmente vão achar

Na ocorrência (2), em que se exemplifica o uso do pronome como complemento indireto (objeto indireto), verbo transitivo indireto *fornecer* é seguido pelo substantivo *alimento*, pela preposição *pra*, e pelo pronome reto da terceira pessoa do singular *ele*.

(2) .. porque a agricultura não consegue.. fornecer alimento *pra ele*.. a um custo menor,

Em (3), apresenta-se o uso do pronome reflexivo *me*, caracterizando a função reflexiva. Dentre os usos que Bechara (2001) atribui a esse tipo de pronome, o que cabe ao fragmento analisado é o “que indica que a ação não passa a outro ser, revertendo-se ao próprio agente”.

(3) eu *me* exercitando de cinquenta a sessenta por cento.

Na tabela 2, apresenta-se a frequência de ocorrência dos pronomes pessoais em relação a cada uma das pessoas do discurso.

Tabela 2: Pessoas do discurso

	N	%
1ª p.s.	19	12,9
2ª p.s.	17	11,6
3ª p.s.	31	21,1
1ª p.p.	5	3,4
2ª p.p.	69	46,9

3ª p.p.	6	4,1
Total	147	100

Fonte: os autores

Pode-se observar que a 2ª p.p. é a pessoa mais frequente (46,9%). É nossa hipótese que a justificativa para esse resultado seja decorrente das características do corpus investigado, em que a fala dos professores é dirigida aos alunos, como no exemplo (4).

(4) então eu dei o exemplo pra *vocês* de um maratonista

Já as entrevistas favorecem o uso da 2ª p.s. (11,6% das ocorrências), como em (5), em que o falante utiliza a forma *você* para se referir ao seu interlocutor, no caso, o entrevistador.

(5) .. daí eu expliquei né.. como expliquei para *você* o que era gordura trans,

Na 2ª p.s., *você* também pode ter um referente genérico, como em (6), ou seja, qualquer pessoa pode ser o referente do pronome.

(6) .. e essas proteínas.. fornecem isso pra *você* também.

A segunda frequência de ocorrência mais alta é a da 3ª p.s. (21,1%), exemplificada em (7), em que o pronome *ela* tem função referencial anafórica e retoma um elemento mencionado anteriormente no texto (NEVES, 2000).

(7) ... e diversas vezes crianças vinham até *ela*,

O mesmo acontece na 3ª p.p. (frequência de 4,1%), em que o pronome *elas* também retoma um referente mencionado anteriormente no texto, como pode ser observado em (8).

(8) ... a gente tem que escrever pra *elas* né,

Na 1ª p.s. (12,9% das ocorrências) e na 1ª p.p. (3,4% das ocorrências), os pronomes podem fazer referência ao falante, como em (9), ao falante e a seus colegas, como em (10), ou podem ter referente genérico, como em (11) e (12).

(9) .. depois *me* liga chorando.

(10) professor fala de outro rebanho pra *nós* aí,

(11) ... DEPOIS QUANDO *EU* PEGO o gasto calórico total, o que que acontece comigo?

(12) é a imagem que a TV passa pra *nós*.

Na tabela 3, apresenta-se a frequência de ocorrência das formas e das funções sintáticas dos pronomes de 2ª p.s.

Tabela 3: Formas e funções sintáticas da 2ª p.s.

	prep + você		você		te		se	
	N	%	N	%	N	%	N	%
CD	-	-	3	100	-	-	-	-
CI	9	100	-	-	3	100	-	-
Reflexivo	-	-	-	-	-	-	2	100
Total	9	53	3	17,6	3	17,6	2	11,8

Fonte: os autores

Observa-se, na tabela 3, a ocorrência de quatro formas referentes à 2ª p.s.

As funções assumidas pelo pronome *você* são as de complemento indireto (seguindo preposição) e de complemento direto, exemplificadas em (13) e (14), respectivamente.

(13) e essas proteínas .. fornecem isso *pra você* também

(14) .. o que motivou *você* fazer essa pesquisa ou esse trabalho .. ou pesquisar esse tema?

O pronome oblíquo *te* assume a função sintática de complemento indireto, como em (15).

(15) ele *te* dá uma resposta direta de condição...

Por fim, o oblíquo *se* é utilizado com função reflexiva, como em (16).

(16) atÉ::: você *se* exercitar

Na tabela 4, apresenta-se a frequência de ocorrência das formas e das funções sintáticas dos pronomes de 3ª p.s.

Tabela 4: Formas e funções sintáticas da 3ª p.s.

	prep + ele(a)		ele(a)		se		lo(a)	
	N	%	N	%	N	%	N	%
CD	-	-	4	100	-	-	1	100
CI	21	100	-	-	-	-	-	-
Reflexivo	-	-	-	-	5	100	-	-
Total	21	67,7	4	13	5	16,1	1	3,2

Fonte: os autores

Observa-se, na tabela 4, que existem quatro formas possíveis da 3ª p.s. A primeira é prep. + *ele (a)*, que funciona como complemento indireto em 100% dos casos (21 no total) e que representa 67,7% do total do uso das quatro formas. Esse uso pode ser observado em (17).

(17) .. se o governo comprar a terra e dar *pra ele*,

Os pronomes *ele* e *ela* apresentam quatro ocorrências e são utilizados como complemento direto, como no exemplo (18).

(18) eu levei *ele* para o laboratório,

Por sua vez, o pronome *se* é utilizado como reflexivo, como em (19).

(19) O músculo *se* adapta então rápido?

As formas *lo* e *la* apresentaram apenas uma ocorrência (com *lo* na função de complemento direto).

(20) ... você falou como ativá-*lo*!

Na tabela 5, apresenta-se a frequência de ocorrência das formas e das funções sintáticas dos pronomes de 2ª p.p.

Tabela 5: Formas e funções sintáticas da 2ª p.p.

	prep + vocês		vocês	
	N	%	N	%
CD	-	-	6	100
CI	63	100	-	-
Reflexivo	-	-	-	-
Total	63	91,3	6	8,7

Fonte: os autores

Como pode ser observado na tabela 5, a forma *vocês* seguindo preposição apresenta alta frequência de ocorrência (91,3%). Essa forma é utilizada na função de complemento indireto, como no exemplo (21).

(21) ... logicamente que os monitores não IRÃO elaborar o relatório *pra vocês*,

Por sua vez, a forma *vocês* foi utilizada pelos informantes do corpus como complemento direto (frequência de 8,7%), como no exemplo (22).

(22) .. gente .. ó .. só mais um minutinho pra liberar *vocês*.

Na tabela 6, apresenta-se a frequência de ocorrência das formas e das funções sintáticas dos pronomes de 3ª p.p.

Tabela 6: Formas e funções sintáticas da 3ª p.p.

	prep + eles(as)		eles(as)		prep + si	
	N	%	N	%	N	%
CD	-	-	2	100	-	-
CI	3	100	-	-	-	-
Reflexivo	-	-	-	-	1	100
Total	3	50	2	33,3	1	16,7

Fonte: os autores.

Como pode ser observado na tabela, há três formas. A primeira delas é *prep + eles(as)*, com três ocorrências na função de complemento indireto, como no exemplo (8), repetido a seguir.

(8) ... a gente tem que escrever *pra eles* né,

A forma *eles(as)* apresenta duas ocorrências na função de complemento direto, como no exemplo (1), repetido a seguir.

(1) Eu vou deixar *eles* lá que vocês dificilmente vão achar,

Por fim, a forma *prep + si* tem função reflexiva e apresenta apenas a ocorrência a seguir.

(23) .. determinados personagens históricos .. assumem *pra si* a tarefa de expandir a fé.

5 Considerações finais

No confronto entre a norma prescrita pelas gramáticas (tanto as escolares quanto as tradicionais clássicas) e o uso dos pronomes pessoais em situações reais de fala, são observadas duas diferenças principais.

A primeira diz respeito à utilização das formas *você* e *vocês* como pronomes de segunda pessoa do discurso pelos informantes do *córpus* da pesquisa. Nas gramáticas escolares, Cipro Neto e Infante (2008) não incluem as formas *você* e *vocês* no quadro de pronomes, mas admitem que essas formas podem ser utilizadas como pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo, desde que não misturadas com *tu* e *vós*. Cegalla (2008) também não inclui essas formas no quadro de pronomes, mas reconhece seu emprego e afirma que elas podem ser usadas apenas “no trato familiar e íntimo” (p. 182). As gramáticas tradicionais clássicas (BECHARA, 2002; CUNHA e CINTRA, 1985) incluem *você* e *vocês* entre as formas de tratamento. No que diz respeito às gramáticas dos linguistas, Castilho (2010) apresenta o quadro dos pronomes pessoais do português brasileiro na atualidade e inclui as formas *você* e *vocês* nesse quadro. Da mesma forma, Neves (2000) inclui essas formas no quadro de pronomes pessoais.

No que diz respeito ao uso dos pronomes do chamado “caso reto” exercendo função sintática de complemento direto, encontraram-se ocorrências como “eu vou concluir *ele*” e “eu levei *ele* para o laboratório”. Nas gramáticas escolares, Cipro Neto e Infante (2008) destacam que essas frases são comuns na língua oral cotidiana, mas não são aceitas no padrão formal da língua. Cegalla (2008) não menciona esse tipo de ocorrência. Nas gramáticas tradicionais clássicas, Bechara (2002) e Cunha e Cintra (1985) apresentam casos em que a norma pode ser contrariada e a forma reta pode ocorrer no lugar da oblíqua, mas tais ocorrências são tratadas como exceções admitidas pelos gramáticos e não se aproximam das ocorrências encontradas no *córpus* deste trabalho. Nas gramáticas dos linguistas, Neves (2000, p. 457) reconhece a existência de enunciados em que os pronomes do caso reto ocorrem como complemento direto (“Nunca vi *ele*” - ANB), mesmo não sendo essa forma admitida pela gramática normativa. Por fim, Castilho (2010) também menciona a possibilidade de pronomes do caso reto de terceira pessoa como “*ele*” funcionarem como complemento direto, como no exemplo “Ainda não vi *ele* hoje” (p. 479).

Os resultados da tabulação dos dados do *córpus* confirmam, portanto, a suposição inicial de que muitas mudanças linguísticas são ignoradas pela norma considerada padrão, manifestada nos manuais de gramática tradicional, sejam obras escolares ou obras tradicionais clássicas. Os dados também confirmam que as gramáticas dos linguistas analisadas neste trabalho mostram o uso e o funcionamento da língua portuguesa no Brasil atualmente, indo além da mera classificação e da apresentação de modelos a serem seguidos. Espera-se que este trabalho possa servir de base para propostas de ensino dos pronomes que conscientizem os alunos a respeito das diferenças entre a norma e o uso de forma que possam realizar as escolhas linguísticas adequadas para cada situação comunicativa.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BUTLER, C.S. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. S. Paulo: IBEP,

2009.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). **Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3. ed. S. Paulo: Scipione, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

_____. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. S. Paulo: Contexto, 2003.

_____. **A Gramática Funcional**. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. S. Paulo: Contexto, 2010.

O'DONNELL, M. From Corpus to Codings: Semi-Automating the Acquisition of Linguistic Features. Proceedings of the AAAI Spring Symposium on Empirical Methods in Discourse Interpretation and Generation. *Anais...* . p.27–29, 1995. Stanford: AAAI.

PRETI, D.(org.) **Análise de Textos Oraís**. S. Paulo: FFLCH/ USP, 1993.

VAN VALIN, R.D., JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.) **The handbook of linguistics**. Malden: Blackwell Publishers, 2002. p. 250-263.

Submetido em 29/03/2021

Aceito em 06/09/2021